

Conclusão

O caminho que fizemos até aqui nos permitiu ver a relevância do tema da salvação cristã não apenas para aqueles que se encontram dentro dessa tradição religiosa, mas também para quem não possui uma prática dessa natureza, ou seja, se beneficiam crentes e não crentes. É certo de que muito do que foi dito até esse momento não seja de todo assimilado, pelo menos não sem dificuldades (o que só o tempo irá dizer), uma vez que o imaginário cultivado a respeito dessa temática se funda sobre uma leitura literal dos textos bíblicos. Mas também é certo que essa leitura produziu fantasmas e contradições dentro da tradição cristã (também para àqueles que estão de fora) que não podiam permanecer ignorados, sobretudo quando lembramos dos estragos que produziram no campo psicológico e na própria espiritualidade cristã.

Para os crentes apresentamos o movimento salvífico como uma realidade que acontece na história e não um evento que vem depois ou que atinge o homem como se fosse um meteorito e que por isso implica num compromisso com o real. De mais a mais, a salvação pôde ser vista como continuidade daquele dinamismo criador presente na criação. Mas creio que a contribuição mais importante é aquela que liberta a vivência religiosa do temor do castigo-inferno, que convertia a consciência cristã num guardião implacável contra todos e contra si mesma e que plantava na vivência religiosa um dualismo implacável e venenoso que a colocava contra a parede: ou Deus ou o mundo.

Numa nova hermenêutica surge uma nova imagem de Deus, ou melhor, a verdadeira imagem de Deus, que se revela como bálsamo para aquela consciência atormentada pela aterrorizante imagem de um Deus, à espreita, pronto a aplicar castigos à menor aparência de infidelidade e que fazia da salvação não mais que a experiência de uma consciência que, coagida por todas aquelas imagens infernais, buscava o outro lado da moeda, que não fosse aquele que podia lançar no fogo eterno. Eis aí, portanto, o grande engano teológico.

Para os não crentes surge a grande oportunidade de perceber Deus como aquele que entra na vida com a única e exclusiva intensão de salvar a existência real da pessoa humana e não como aquele que deseja dominá-la e subjuga-la ao dado religioso. Pelo contrário. Nas possibilidades reais de sua existência, Deus aparece ao ser humano como promessa e garantia, como exigência e como chamado a uma grandeza infinita. Que não apenas deu o ser, mas que também sustenta e acompanha durante a ingente tarefa da vida; que respeita sua liberdade mesmo quando por meio dela o ser humano rechaça seu plano salvífico.

Surge então, tanto para crentes quanto para não crentes, a consciência de que a salvação diz respeito a construção da autêntica humanidade mediante o amor de Deus. Não se trata de que, com essa afirmação, se renuncia a fé ou àquilo diz respeito ao seu papel específico. Tampouco significa que estamos elevando o processo histórico acima deste. Mas que ambos estão entrelaçados, pois quanto mais se realiza a salvação da pessoa humana, mas esta se compromete com seus dinamismos históricos; quanto mais se aproxima da realidade salvífica, mas se concretiza sua humanidade, de maneira que salvação e humanização são lados da mesma moeda. E mesmo naquela realidade que se pretende com a realização plena da pessoa humana – sua eternidade – que em Jesus de Nazaré ganha respaldo, não se trata de uma realidade fantasmagórica, mas de uma humanidade em seu ponto mais elevado, pois, chegando ali, será verdadeiramente homem.